



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v18i2>

ESCRITAS DE VIAGENS: UMA ANÁLISE DE ATLAS (1984) DE JORGE LUIS BORGES

SOLANGE REGINA DA SILVA (UFPE)*

 <https://orcid.org/0000-0003-0281-6313>

ISABELA LAPA SILVA (UFMG)**

 <https://orcid.org/0000-0002-5606-9109>

ALFREDO ADOLFO CORDIVIOLA (UFPE)***

 <https://orcid.org/0000-0002-3567-5003>

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o tema da viagem na obra *Atlas* (1984), um dos últimos livros do escritor argentino Jorge Luis Borges, uma produção feita em conjunto com a sua companheira Maria Kodama, dois anos antes de sua morte. Nesse sentido, buscamos neste estudo tentar estabelecer uma reflexão sobre o sentido da viagem a partir da análise dos textos e das imagens dessa obra, fazendo um passeio por temáticas como memórias, fotografias e Literatura de Viagem. A partir de diferentes relatos de Borges, e dos registros fotográficos de Kodama, consideramos também as entradas autobiográficas da obra, que refletem sobre a trajetória pessoal desse autor. Para cumprir tal objetivo, tomamos como referenciais teóricos nomes como Beatriz Sarlo (2008), Ricardo Piglia (1979), Maurice Halbwachs (2006) e Susan Sontag (1981). Buscando articular as discussões propostas por esses teóricos, faremos um itinerário por alguns dos textos de Borges, bem como pelas fotografias de Kodama, que eternizam os deslocamentos do casal, refletindo sobre os sentidos do ato de viajar para o escritor argentino, sobretudo quando ele não podia mais enxergar.

Palavras-chave: Viagem; Memória; Fotografia; Literatura de Viagem.

* Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5171327330869247>. E-mail: sol.silva.es@gmail.com

** Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0946915631468293>. E-mail: isabelalapasilva@gmail.com

*** Professor Titular em Teoria da Literatura no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Estudos Hispânicos e Latino-americanos pela University of Nottingham, Reino Unido (1998). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1511356924660287>. E-mail: alfredo.cordiviola@ufpe.br

ABSTRACT

TRAVEL WRITINGS: AN ANALYSIS OF *ATLAS* (1984) BY JORGE LUIS BORGES

This work aims to analyze the theme of travel in the work *Atlas* (1984), one of the last books by Argentine writer Jorge Luis Borges, published together with his companion Maria Kodama, two years before his death. The objective of the present study is to try to establish a reflection on the meaning of travel based on the analysis of texts and images from this work, taking a tour through themes such as memories, photographs and Travel Literature. Based on different accounts by Borges and Kodama's photographic records, the autobiographical entries of the work are also considered, which reflect on the author's journey. In order to achieve this objective, we took as theoretical references names such as Beatriz Sarlo (2008), Ricardo Piglia (1979), Maurice Halbwachs (2006), Susan Sontag (1981), among others.

Keywords: Travel. Memory; Photography; Travel Literature.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O canônico autor argentino Jorge Luis Borges, cuja produção crítico-literária foi estudada e discutida no campo dos estudos literários a partir das mais variadas perspectivas, escreveu suas primeiras obras em versos, passando logo em seguida para a prosa, caminhando pela escrita ensaística, até, por fim, ser aclamado como o grande ficcionista no qual se consagrou. À medida que sua obra foi sendo reconhecida por seus pares, bem como pela crítica especializada, o autor ganhou projeção mundial. Dessa forma, a figura de Borges é acompanhada pelo seu empenho como escritor e intelectual, sendo estudado em muitos lugares do mundo.

Sua obra pode ser lida como uma chave para pensar o século XX, dentro de uma dimensão ampla, para além da Argentina e da América Latina. Isso porque, esse autor, conforme ele é considerado pela maior parte da crítica, pertence à linhagem de poetas e escritores que, durante a modernidade, pensaram a Literatura, a História e a Filosofia em diálogo. Como escritor-crítico, Borges contribuiu para os debates das conexões en-

tre esses campos de saberes, falando a partir da sua condição cultural, e, sendo assim, seus escritos mostram que ele problematizou as contradições de sua própria história, a partir de onde falava, mas também pondo em diálogo a tradição argentina e outras tradições literárias.

Diante disso, alguns questionamentos surgem ao pensar e decidir escrever sobre as produções de Borges, como por exemplo: resta alguma perspectiva em que sua obra não tenha sido abordada ou discutida? A princípio não parece uma tarefa fácil. Porém, ao ler a obra borgiana e pesquisar sobre esse universo, vão surgindo ideias e questões que, tal como os labirínticos caminhos dos seus livros e das obras de referência da sua biblioteca, mostram-se vivas e moventes, renovando-se a cada leitura. Seguiremos, então, o caminho das viagens e dos seus sentidos para o escritor, a partir da obra *Atlas*, publicada em 1984, composta por textos de Borges e fotografias de Maria Kodama.

No livro, vemos como a viagem para o escritor envolve memórias, leituras, reflexões

existenciais e íntimas, sonhos, tudo conectado. Acompanhando os relatos escritos, complementando-os e ampliando-os, temos as imagens, capturas desses instantes vividos em conjunto, da companheira de viagem do escritor argentino.

A partir de cada par de texto e imagem, é possível se aprofundar no universo desse autor e pensar como o deslocamento ocupa lugar importante na sua formação intelectual. É válido ressaltar que a relação com diferentes espaços é dado marcante na vida de Borges, sobretudo uma Buenos Aires marcada por mutações, contradições, as quais se refletem nos sentimentos de nostalgia e dúvidas sobre o futuro. Há ainda a grandiosidade do leitor que foi Borges, carregando consigo sempre as leituras que o constituem, o que se observa na grande quantidade de referências evocadas nos seus textos, que apontam para sua relação afetuosa com os livros e para a importância conferida ao leitor nos seus escritos. O livro toca também nas vivências em conjunto, partilhadas e nas reflexões do autor sobre sua perda de visão progressiva, questão que ronda sua família desde que ele era criança.

Em vista disso, o objetivo é propor uma reflexão em torno do livro *Atlas*, focando nos textos que falem sobre a temática das viagens e dos viajantes, da memória e da cegueira, pelo viés da relação entre literatura e viagem. Destacamos que esses são temas presentes em quase toda a produção literária do escritor argentino; no universo borgiano há personagens que são viajantes fictícios, viajantes que são personagens históricos; há referências tiradas de obras como a *Odisseia* de Homero; e figuras como o viajante Marco Polo, ou o viajante explorador inglês Richard Burton, Érico, o vermelho; e até mesmo o próprio Borges, como viajante e *flâneur*, ao lado de Maria Kodama, passando por diferen-

tes lugares, como é o caso do *Atlas*. Pensa-se, assim, a experiência do deslocamento como recurso literário, fazendo um breve passeio sobre a história do autor, que foi marcada pelas viagens que realizou — viagens familiares, viagens que fez ao redor do mundo como conferencista, entre tantas outras, as viagens derradeiras, com memórias e reflexões sobre sua trajetória.

BORGES E SUAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS

Antes de embarcarmos no *Atlas* de Borges e Kodama, cabe lembrarmos que, ao longo de sua vida, Borges foi um ávido leitor e um grande apaixonado por livros. Ele debruçou-se não só sobre a leitura de ficção, como também na leitura de não ficção, como é o caso de enciclopédias que compõem seu acervo. A sua cegueira não interrompeu esse relacionamento tão afetuoso com as obras, pois continuou leitor através da leitura em voz alta feita por outras pessoas, assim como deu prosseguimento à sua carreira, inclusive, estudando outros idiomas. Alberto Manguel foi um dos que leu para Borges, o qual considera “um dos grandes leitores do mundo” (Manguel, 2004, p. 10). Para o estudioso, entrar no apartamento de Borges significava uma suspensão do tempo, pois ali viviam as experiências literárias do autor, guardadas em cada livro, esperando ser folheadas para serem presentificadas. Desse modo, ele diz que as viagens, principalmente diante da cegueira, funcionavam como representações das leituras feitas.

Os problemas de visão o acompanharam desde a infância, sendo uma questão hereditária em sua família. Ele acaba por falecer já completamente cego, assim como sua avó e seu pai, de quem falou várias vezes em seus escritos, relatando alguns momentos e com-

partilhando sentimentos conflitantes sobre tal condição que abatia seu progenitor. No caso de Borges, foi por volta dos 55 anos de idade que perdeu a visão, porém, acreditamos que ele encarou essa perda com maturidade e, como escritor, refletiu crítica e sensivelmente sobre essa nova experiência de vida nos seus textos.

O mundo do cego não é a noite que as pessoas supõem. Em todo caso estou falando por mim e por meu pai e por minha avó, que morreram cegos; cegos, sorridentes e corajosos, como eu também espero morrer. Herdam-se muitas coisas (por exemplo a cegueira), mas não se herda a coragem. Sei que eles foram valentes (Borges, 2011, p. 128-129).

Diante disso, as leituras e as memórias que viam com elas eram fonte inesgotável de “visão” para Borges, ainda que não pudesse enxergar com os olhos, a cada obra, mirava com os olhos da imaginação. Logo, a partir de Borges e de seu amor profundo pela literatura, podemos pensar como essa arte é uma fonte inesgotável de sentidos para as mais variadas experiências humanas. A condição da cegueira não apartou o escritor das palavras, pelo contrário, a sua relação com os livros o ajudou a processar a perda de visão. É já como um octogenário, adaptado a essa nova circunstância de sua vida, que escreveu *Atlas* (1984), obra aqui analisada.

Sobre os temas da cegueira e do enceguecimento, Jacques Derrida (2010) os discute em *Memórias de cego: o auto-retrato e outras ruínas*, propondo a repensar no âmbito do visual, compreendendo que o visível e o invisível são indissociáveis. Nesse sentido, ver e escrever envolveriam também essa relação com o não ver, com o cegamento. Com essa abordagem, o sentido da visão é destituído de uma certa centralidade com o saber, abrindo espaço para outros sentidos, como a audição e o tato, aos quais as artes

do visível devem muito à sua produção e efeitos de sentido, e em que vê implica sempre uma relação de alteridade.

O não ver, como ele discute em *Pensar em não ver* (2012), seria uma fonte para o acontecimento, quando algo não previsto nos toma de assalto. A experiência com as artes do visível passaria por essa relação, daí que o campo do invisível e do inteligível são tomados como pontos fundamentais para a fruição. No caso de Borges, podemos pensar que o seu enceguecimento não o impossibilitou de relacionar-se com a poesia e a literatura nem com as paisagens e os espaços que visitou. Pelo contrário, seu olhar para si e para o mundo seguiram abertos à produção de novos sentidos.

A perda da visão para Borges, assim como para muitas pessoas, não foi um acontecimento pontual em sua vida, pois ele enfrentou um vagaroso processo, descrito como “um lento crepúsculo”, conforme descreveu em conferência realizada por ele no Teatro Coliseo, na cidade de Buenos Aires, em 1977. Essa fala foi logo transformada no livro *Sete Noites* (1980), no qual está o texto “A cegueira”, quando o escritor relata sua experiência pessoal diante dessa perda.

Meu caso não é especialmente dramático. É dramático o caso daqueles que perdem bruscamente a visão: trata-se de uma fulminação, de um eclipse; mas em meu caso esse lento crepúsculo começou (essa lenta perda da visão) quando comecei a ver. Vem desde 1899 sem momentos dramáticos, um lento crepúsculo que durou mais de meio século (Borges, 2011, p. 130).

Borges nunca dramatizou seu problema e conviveu com essa espera durante grande parte da sua vida até a chegada do “lento crepúsculo”. A cegueira de Borges, como no caso de Homero, Joyce, Milton e outros escritores, foi decisiva na sua produção lite-

rária, e mesmo não tendo sido um tema central, está presente na sua obra. Muitas vezes ele foi auxiliado por outras mãos, como as da sua esposa, Maria Kodama, mas continuou sua estrada como intelectual e escritor, adaptando-se às circunstâncias que lhe eram impostas por essa gradativa perda.

Sua vida foi muito intensa, viveu e presenciou os principais acontecimentos que marcaram o século XX. Despontou no espaço literário nas décadas de 1920 e 1930 e, ao final de sua vida, escolheu a Europa, mais especificamente a Suíça, como espaço geográfico para morrer. Vejamos o texto a seguir que aparece no livro *Atlas* e que fala sobre essa escolha desse país como lugar de acolhida e inspiração:

De todas as cidades do planeta, das diversas e íntimas pátrias que um homem vai procurando e merecendo no decorrer das viagens, Genebra me parece a mais propícia à felicidade. Devo a ela, a partir de 1914, a revelação do francês, do latim, do alemão, do expressionismo, de Schopenhauer, da doutrina de Buda, do taoísmo, de Conrad, de Lafcadio Hearn e da saudade de Buenos Aires. Também a do amor, a da amizade, a da humilhação e a da tentação do suicídio. Na memória tudo é grato, até a desventura. Essas razões são pessoais; direi uma de ordem geral e enfática. Diferentemente de outras cidades, Genebra não é enfática. Paris não ignora que é Paris, a decorosa Londres sabe que é Londres, Genebra quase não sabe que é Genebra. As grandes sombras de Calvino, de Rousseau, de Amiel e de Ferdinand Hodler estão aqui, mas ninguém as evoca para o viajante. Genebra, um pouco à semelhança do Japão, renovou sem perder seus ontens. Permanecem as vielas montanhosas da Vieille Ville, permanecem os sinos, as fontes, mas também há outra grande cidade de livrarias e lojas ocidentais e orientais.

Sei que voltarei sempre a Genebra, talvez depois da morte do corpo (Borges, 2010, p. 49, grifos nossos).

Refletindo sobre o texto acima, nota-se a percepção espaço-temporal que o escritor aborda em suas descrições, a qual aparece em várias partes desse livro, percepção esta que assume também uma dimensão afetiva e vincula-se a uma necessidade de voltar a vários lugares, nesse caso em especial, Genebra, cidade que parece ter causado uma impressão profunda e emocional no autor. É possível notar que a importância da cidade vem também de saber a importância da cidade na história das ideias e criações humanas, bem como da confluência de culturas e das vivências que Borges acumulou por lá. Em vista disso, observamos como a memória é importante na sua apreensão do espaço. Foi em Genebra que o jovem escritor viveu sua adolescência, e, como diz o texto, viveu amores e amizades, assim como amarguras, como quando ele fala de humilhações e da tentativa de suicídio. Como o autor bem nota, a memória opera numa interpelação, fazendo emergir boas e más lembranças. Embora não aprofunde nas suas “desventuras”, as boas memórias parecem se sobrepôr, tanto que ele retorna à cidade suíça mais maduro, mas com o mesmo carinho de antes.

A partir desse trecho de Borges sobre Genebra, podemos pensar sobre os textos autobiográficos e suas características dentro da produção do autor. Em *Atlas*, vemos que alguns textos contam histórias pessoais, pinceladas, fragmentadas, mas presentes, com usos de pronomes pessoais, falando de si e de suas experiências do passado e do presente. A esse respeito, segundo María Kodama (2001),

Borges con respecto a la autobiografía piensa que esa relación que se establece entre vida privada y obra hace que sea aún más difícil para los críticos su estudio porque “uno nunca sabe si el escritor ha escrito lo que sintió

o vivió, o bien lo que hubiera querido sentir o vivir. Incluso en el caso de obras de pensamiento, creo que, a veces, no se escribe verdaderamente lo que se piensa sino lo que se querría pensar, lo que se preferiría pensar (Kodama, 2001, p. 310).

Borges tinha um estilo próprio, autêntico e inconfundível; em seus textos existe uma permanente reflexão sobre o leitor, suscitando ponderações sobre como este se apropria do texto e atualiza os seus sentidos. Nesse sentido, é importante considerar que há muito de autobiográfico nos textos de Borges, uma vez que ele próprio era um grande leitor e falava sobretudo a partir daquilo que lia e vivia, além do fato de ele contar também experiências particulares ou tomar a si próprio como material de ficcionalização. E a partir de tais reflexões, podemos pensar o quão sua obra está relacionada à sua vida, pois, no *Atlas*, por exemplo, Borges recupera suas memórias, fala de lugares que já havia visitado, da sua cegueira, da sua vida. Também não podemos deixar de mencionar sobre seu amor pela sua Buenos Aires querida, também abordada no *Atlas*, de modo que essa sua origem está sempre a permear suas memórias e, por extensão, a narrativa de sua vida.

A intelectual e escritora argentina Beatriz Sarlo se dedicou a estudar o autor argentino, produzindo a obra *Borges, un escritor en las orillas*, na qual aponta: “No existe un escritor más argentino que Borges: él se interrogó, como nadie, sobre la forma de la literatura en una de las orillas del occidente” (Sarlo, 2008, p. 3). Na obra, a pesquisadora argumenta, entre outras coisas, que Jorge Luis Borges criou um passado com elementos do século XIX da cultura argentina, reais e imaginados, reunindo características da cultura *criolla* e da cultura europeia. Porém, essa transição entre essas duas prin-

cipais referências culturais, à época, tinha um certo custo, pois, poderia ser lida como artificial ou forçada. Entretanto, o autor não apaga as contradições ou diferenças existentes, criando algo particular, que fala também da sua história e modo de ver o mundo. Sua produção ficcional e crítica mostra como ele entendia a importância do leitor na construção de sentidos do texto e como ele estava atento aos acontecimentos do seu tempo, como o processo de modernização da cidade de Buenos Aires. Como visto, sua obra combinava áreas do saber, e muitos dos seus textos suscitam reflexões em torno de dicotomias empregadas na História e na Literatura, como civilização e barbárie, crítica e literatura, ficção e realidade etc. O teor crítico de seus textos aponta para uma combinação de reflexão criativa ficcional e intelectual, o que dialoga também com sua história, conectando referências e saberes.

O grande impacto que a obra de Borges teve na literatura faz dela uma verdadeira referência na literatura do século XX. Entre os reconhecimentos que recebeu está o Prêmio Cervantes de Literatura, o de Comendador das Artes e das Letras da França, além de ter recebido o título de Cavaleiro da Ordem do Império Britânico. Curiosamente o Prêmio Nobel de Literatura não lhe foi concedido; segundo comentários do seu círculo mais próximo, as razões desse silêncio para sua candidatura apontam para questões políticas; outros diziam que a razão é seu estilo excessivamente culto e fantástico ao mesmo tempo. De acordo com as falas de Borges em conferências e em textos, esse fato não parece ter sido motivo de preocupação para ele.

Refletindo sobre o movimento em torno da criação da obra de Borges, temos as considerações do também intelectual e escritor Ricardo Piglia, que também estudou a vida e obra de Borges em seu trabalho “Ideología y

ficción en Borges”. Segundo Piglia (1979), a obra de Borges em geral é acompanhada por uma narrativa genealógica, a qual é construída por este autor a partir de sua origem. Nesse sentido, Borges aponta pertencer a duas linhagens: uma intelectual e outra familiar; de um lado está a linhagem familiar, derivada da mãe, que o leva a um passado de muitas tradições e símbolos argentinos, como o gaúcho, o pampa e as relações com os fundadores de sua terra natal; e do outro lado está a linhagem intelectual, derivada do pai, de origem inglesa e que remete à biblioteca, aos livros e ao campo da tradição literária e intelectual canônica e europeia. Assim, o que Borges cria é também com base nessa chamada ficção familiar, relacionada a formação entre duas culturas dos seus pais.

Esta ficción familiar es una interpretación de la cultura argentina: esas dos líneas son las líneas que, según Borges, han definido nuestra cultura desde su origen. O mejor esta ficción fija en el origen y en el núcleo familiar un conjunto de contradicciones que son históricas y que han sido definidas como esenciales por una tradición ideológica que se remonta a Sarmiento. Así podemos registrar, antes de analizarlas en detalle, las contradicciones entre las armas y las letras, entre lo criollo y lo europeo, entre el linaje y el mérito, entre el coraje y la cultura. En última instancia estas oposiciones no hacen más que reducir la fórmula básica con que esa tradición ideológica ha pensado la historia y la cultura argentina bajo la máscara dramática de la lucha entre civilización y barbarie (Piglia, 1979, p. 2).

Ainda de acordo com Piglia (1979), é justamente toda essa oposição ideológica e suas contradições que demandaram que Borges construísse a forma de uma tradição familiar, pois, a ficção dessa dupla linhagem permite ao autor argentino integrar as diferenças dessas vertentes, combinando-as e criando algo singular. Ele ressalta, assim,

o caráter híbrido que compôs Borges como escritor e intelectual, fazendo dele um grande nome da literatura.

REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA DE VIAGEM

Para nos aprofundarmos na análise da obra *Atlas*, partiremos de uma discussão que nos leva a pensar o lugar da Literatura de Viagem e das viagens na obra, sejam elas reais ou fictícias. Para tanto, partimos do pressuposto de que a literatura é uma produção por meio da qual é possível atuar ativamente dentro do mundo em que se vive. Toda produção escrita da literatura traz marcas de um tempo, de um lugar e de um modo de se ver o mundo.

Nesse sentido, ao pensarmos na Literatura de Viagem, evidenciamos esses olhares sobre si e o entorno, compreendendo atravessamentos e escolhas narrativas. Os debates e estudos acerca da Literatura de Viagem enquanto gênero possuem uma extensa história na tradição da literatura ocidental, estando presentes tanto em análises de textos da Antiguidade Clássica quanto em textos contemporâneos. O ser humano sempre quis viajar e registrar suas andanças, relatar e descrever o mundo desde os tempos mais remotos; o desejo pelo conhecimento e pelas aventuras, a ânsia de conhecer os lugares ainda não visitados e perceber os contrastes entre as diferentes culturas são inquietações que o fizeram sentir a necessidade de deslocar-se. Logo, temos a Literatura de Viagem e os livros de viagem, e ambos trazem a narração em forma de relatos, incluindo as viagens reais e as fictícias, por meio dos quais somos convidados a conhecer o mundo, culturas diferentes, outras épocas e histórias. Desse modo, as viagens são temáticas que fascinam e sempre foram

um assunto tratado por grandes escritores da Literatura, dentre os quais podemos citar Homero, Marco Polo, Goethe, Júlio Verne, José Saramago, Graciliano Ramos e o próprio Jorge Luis Borges.

Em relação às discussões sobre o gênero, sabemos que estudiosos e teóricos tentam definir algumas características da Literatura de Viagem, que por certo é um gênero amplo e aberto e que engloba diferentes modalidades. Os livros de viagem, subgênero dessa outra categoria, sempre foram um dos principais meios para informar aos leitores sobre os “descobrimientos” daqueles que viajavam às terras distantes, informando e descrevendo diversos aspectos. Assim, essas obras funcionam como um elo que conecta espaços e tempos, apresentando uma imagem de lugares e culturas que o público leitor geralmente desconhece. Os historiadores também participam dessa discussão acerca dos relatos de viagem, principalmente vendo-os como fontes documentais. As reflexões mostram que as viagens e os relatos são marcados por uma experiência de alteridade advinda do encontro com o “outro” e envolvem a construção de um olhar sobre esse “outro”. Há, pelo que foi exposto, um amplo debate entre os campos da História e da Literatura a respeito do relato de viagem, o que enriquece os estudos sobre o gênero e mostra diferentes perspectivas de investigação científica.

Tovar, Girvés e Espelosín (2008, p. 261) esclarecem o seguinte: “Cuando el viaje, sea real o ficticio, adquiere forma literaria (novela, ensayo, cartas, diario) se convierte en un relato que toca infinidad de asuntos y no tiene en cuenta saberes específicos de ninguna disciplina”. Dessa maneira, concordamos que a Literatura de Viagem é um gênero aberto que sempre esteve presente nos grandes relatos da história da humanidade.

Vejamos também o que aponta, ao falar da viagem e do relato, o autor Luis Albuquerque-García (2011):

No es una novedad afirmar que el viaje ha presidido los grandes relatos de la humanidad. Partes importantes de la Biblia o La Odisea, sin ir más lejos, se vertebran en torno a un viaje. Pero aún más. El viaje y su relato no han dejado de tener una presencia constante a lo largo de la historia. Como ya he dicho en alguna otra ocasión, viaje y vida son, en cierto sentido, sinónimos, ya que su fuente y raíz se encuentra en el desplazamiento mismo. Teniendo en cuenta estas dos premisas (su amplitud y su secular supervivencia) se podría empezar sugiriendo que la literatura de viajes recorre toda la historia (o gran parte de la historia) y que el viaje forma parte de la condición humana, pero no sólo como producto de la curiosidad, sino como verdadera necesidad vital (Albuquerque-García, 2011, p. 16).

No trecho acima, o autor Luis Albuquerque-García (2011) frisa como o relato de viagem é um elemento importante da História, refletindo também como viagem e vida são, de certa forma, sinônimos. Nesse sentido, considerando o *corpus* de análise deste artigo, essas reflexões nos levam a vários questionamentos, sendo um deles o seguinte: *Atlas* (1984) é um livro que trata sobre o tema da viagem, mas podemos incluí-lo como relato de viagem? Para responder tal questão, nos atentamos ao que diz Junqueira (2011) sobre a importância de olharmos para o “universo cultural” do viajante diante de um relato de viagem, pois as suas observações podem apontar “mais para o âmbito cultural do próprio viajante do que para o lugar visitado, ainda que [fale] também deste” (Junqueira, 2011, p. 45). Em relação a escrita do *Atlas* de Borges, acreditamos que a reflexão do autor se aproxime de características dos relatos de viagem, sobretudo por tratar de experiências vivi-

das de fato por Borges e sua esposa, embora seja importante frisar, trata-se de um livro híbrido, com imagens e memórias variadas. Como dito anteriormente nesse trabalho, a *Literatura de Viagem* trata-se de um gênero amplo e multidisciplinar, na tentativa de refletir sobre essa afirmação, recorro ao texto de Tzvetan Todorov, “A viagem e seu relato” (2006). Neste trabalho o autor indica que para que uma determinada obra seja denominada como um relato de viagem deve ter as seguintes características: no que diz respeito às experiências contadas, elas devem ser localizadas no espaço e no tempo e precisam narrar a descoberta do outro.

No *Atlas* (1984), de Borges, as descrições que compõem a obra são feitas por textos escritos durante algumas viagens e também sobre viagens já feitas, objetos, monumentos e lugares lembrados, não seguindo aquele típico modelo da descrição literal apenas de um lugar visitado. Encontramos, dentro do livro do autor argentino e Maria Kodama, textos e fotografias, relatos íntimos e autobiográficos, escritos sobre reflexões filosóficas, sobre estética e crítica literária, poesias, contos e, principalmente, memórias de um escritor que já não enxergava devido à cegueira que padecia; cabe lembrar que Borges não pôde selecionar nem compreender a totalidade das imagens que acompanham seu texto, de modo que a interação entre o autor e as fotografias foi mediada por Maria Kodama, sua esposa. A estudiosa Sylvia Molloy foi quem escreveu um notável trabalho sobre o *Atlas* de Borges; “Borges viajero: notas sobre *Atlas*” (1999), pensando sobre os trânsitos desse casal e as relações entre imagens e palavras na obra.

Chama atenção o fato de Borges ter decidido viajar e percorrer lugares durante os que seriam os últimos anos de sua vida mesmo quando já não enxergava. A ques-

tão da cegueira também foi um tema muito presente em toda sua vida, pois sua avó e seu pai morreram cegos, e foi por conta do problema de visão paterno que a família fez suas primeiras viagens para fora de Buenos Aires, em busca de algum tipo de tratamento para evitar que a doença que acometia seu pai avançasse. O tema da cegueira foi muito presente nos escritos de Borges, basta lembrar do famoso conto “O cego”, publicado em 1973, também o livro *Elogio da sombra* publicado no ano de 1969 e o também conhecido “Poema de los dones” que está no livro *El hacedor*, publicado em 1960. Como visto, a partir do trecho do poema, Borges falou muitas vezes sobre esse “crepúsculo” que chegava lentamente em sua vida e da ironia que era sua vida dentro das grades daquela biblioteca que vivia cercado de livros e já quase sem poder vê-los. Tratando a cegueira como uma espécie de dom, é como se, de certa forma, ele já esperasse o momento em que iria começar a perder a visão. Essa temática, apesar de não ser tema central, está presente em vários livros do autor.

É também a partir da leitura e análise de *Atlas* que veremos a questão da cegueira como um dos temas que voltam a aparecer, pois Borges revive suas memórias, sua vida, relacionando passado e presente; assim, seus textos estão carregados de sentimentos e encontramos uma versão de um Borges feliz, que expressa claramente sua alegria, algo não muito comum em seus escritos. Essa posição está presente tanto na posição de quem escreve quanto na de quem viaja, de modo que Molloy resume o livro da seguinte forma: “Más que un libro de viaje, *Atlas* es un libro de *Keepsakes*, de recordat6rios, una serie de pequeñas felicidades transit6rias” (Molloy, 1999, p. 228). Nesse sentido, é v6lido pensar como foi para esse escritor viajar e escrever quando já não

podia mais enxergar, tendo que recorrer a resgates mnemônicos e guiar-se pelos outros sentidos e sensações sensoriais, além, claro, através dos olhos e percepções de Kodama. “Maria Kodama e eu partilhamos com alegria e com assombro o tesouro dos sons, de idiomas, de crepúsculos, de cidades, de jardins e de pessoas, sempre diferentes e únicas. Estas páginas gostariam de ser monumentos dessa vasta aventura que prossegue” (Borges, 2010, p. 9).

AS VIAGENS E O ATLAS (1984)

Nas obras de Borges percebe-se que os elementos que ele evoca e cria são constantes e sempre retornam, aparecem em vários momentos de seus escritos, é como se houvesse uma espécie de peregrinação literária do escritor que conectasse suas produções, em que se vê seus encontros imaginários e reais e se passeia por diversas citações a autores. Encontramos tais elementos tanto em sua primeira obra *Fervor de Buenos Aires*, publicada em 1923, como em uma das suas últimas produções, como é o caso de *Atlas*, de 1984. No que se refere às viagens e aos deslocamentos, encontramos referências sobre viajar no primeiro livro publicado por Borges em 1923, *Fervor de Buenos Aires*, justamente dois anos depois de Borges voltar de sua estância na Europa com sua família. No trecho a seguir vemos como o escritor descreve essa viagem e a volta à sua cidade natal:

Retornamos a Buenos Aires no vapor Reina Victoria Eugenia, por volta de fins de março de 1921. Para mim, foi uma surpresa, depois de ter vivido em tantas cidades europeias, descobrir que o lugar que nasci se havia transformado em uma cidade muito grande e extensa, quase infinita, povoada de prédios baixos com terraços e que se estendia a oeste na direção do que os geógrafos e literatos

chamam o pampa. Aquilo foi mais que uma volta ao lar: foi uma redescoberta (Borges, 2009, p. 23).

A partir da citação acima entendemos que Borges relata a redescoberta de sua cidade natal após um período de distanciamento espacial, quando viajava com sua família por alguns anos. A relação do escritor com o espaço pode ser associada à percepção que o autor tinha de si mesmo, ele elabora seu olhar à medida que descobre as novidades naquele lugar. Ao conhecer essa nova Buenos Aires, Borges descreve como se sente diante daquelas mudanças, refletindo sobre a passagem do tempo e, diante de novas vivências experienciadas pela Europa, ele observa as complexidades, as novas construções e os novos habitantes da capital argentina.

Apesar das viagens constantes da sua família, conhecendo grandes centros urbanos, num período de movência, o autor, como é mostrado em *Atlas*, parece se surpreender com as transformações da sua cidade-casa enquanto esteve fora. O maior motor dos deslocamentos era a busca da cura da perda da visão progressiva de seu pai, o qual se submeteu a vários tratamentos. Diante disso, a vida do autor argentino Jorge Luis Borges foi marcada pelas muitas viagens que realizou, de modo que tanto ele, quanto sua única irmã, Norah, tiveram uma educação diferenciada, estudando em outros países desde muito jovens, o que possibilitou que eles desenvolvessem habilidades intelectuais desde pequenos e gozassem de uma formação cosmopolita. Em fevereiro de 1914 viajaram pela primeira vez à Europa, quando Borges tinha apenas quinze. A família permaneceu em Genebra até 1919, e logo realizaram outros deslocamentos, passando por Sevilha, Madrid, Palma de Mallorca, entre outros lugares, até o ano de 1921.

Segundo Borges: “O objetivo da viagem era que minha irmã e eu frequentássemos a escola em Genebra. Iríamos morar com minha avó materna, que viajaria conosco (mais tarde ela viria a falecer ali, enquanto meus pais percorriam a Europa). E meu pai aproveitaria para ser atendido por um famoso oculista de Genebra” (Borges, 2009, p. 15). A educação deles deu-se em um regime segregado e elitizado, uma vez que tiveram uma professora particular que lecionava em inglês sobre os mais variados temas. Sobre a cidade de Genebra Borges indica que: “Morávamos num apartamento na região sul, a mais antiga da cidade. Ainda conheço bem melhor Genebra do que Buenos Aires; e isso se explica porque em Genebra não existem duas esquinas iguais e se aprendem depressa as diferenças” (Borges, 2009, p. 16).

A segunda viagem familiar aconteceu no ano de 1923, ainda motivada pela tentativa de cura do pai, a família viajou outra vez à Europa, para nova temporada nesse continente além do Atlântico. Assim, esse contato com outros territórios e culturas contribuíram muito na formação intelectual de Borges, mesmo tendo passado possivelmente por momentos delicados diante da saúde fragilizada do pai. Foram inúmeras as tentativas para tentar solucionar o caso, que se tratava de um problema congênito, passado de geração em geração, assombrando também o jovem Borges.

Conforme apontado, a formação de Borges ocorreu em meio a muitos deslocamentos, passando por diferentes países e cidades, que certamente lhe marcaram e influíram na sua produção. O fato de poder ter viajado desde muito jovem foi o que proporcionou a ele o que podemos chamar de viagens de formação, uma espécie de Grand Tour particular, além disso, vale a pena ressaltar o ambiente intelectual que ele viven-

ciava em casa, com acesso à biblioteca do seu pai, cheia de enciclopédias, e com as visitas de famosos amigos e intelectuais, entre eles, Eduardo Carriego, Paul Grussac, entre outros. Borges contava ainda com o enorme desejo do seu pai, Joao Guillermo Borges, de que o filho se tornasse um letrado.

O *Atlas* de Borges foi publicado no ano de 1984, três anos após as viagens que o autor argentino e sua companheira Maria Kodama fizeram pelos continentes africano, asiático e europeu, é, como o nome diz, um atlas, uma espécie de tentativa de capturar e mapear o mundo em palavras e imagens. Nos textos de Borges, vemos um mundo permeado por leituras e por livros, recriado e reinventado esse mesmo mundo a partir das descrições que Maria Kodama fazia para ele; os registros fotográficos, por sua vez, acompanham os textos e ampliam seus sentidos, revelando o que atraía a atenção do casal nas viagens, bem como a sensibilidade das composições de Kodama.

Nesse mundo de textos e imagens do *Atlas*, a memória do viajante escritor é permeada pelos sentidos, descrevendo paisagens e costurando essas descrições com personagens históricos, figuras da mitologia, animais, monumentos e personagens famosos da literatura universal. Este livro propõe um passeio pelo universo borgiano a partir de uma proposta diferenciada, quando vemos um lado mais íntimo e particular desse escritor, podendo inclusive vaguear pelo seu arquivo de imagens de viagens com sua companheira. Trata-se de percepções de um mundo que se reflete em imagens cujo valor genuíno é a memória e o testemunho das suas experiências partilhadas. Para o autor Maurice Halbwachs (2006), o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por um grupo de referência. A memória é sempre construída em grupo,

mas também é, sempre, um trabalho do sujeito. Assim, as memórias de um indivíduo nunca são só suas, uma vez que nenhuma lembrança pode ser apartada da sociedade. Nesse sentido, no livro *Atlas*, Borges se apoia na sua memória para se relacionar com os espaços, tanto nos lugares já conhecidos, como nos que visita pela primeira vez, ainda contando com as interlocuções com sua esposa e as memórias dos seus, quando sua família viaja toda junta pela Europa. O livro é um grande trabalho de reconstrução pela ativação da memória, cruzando experiências vividas, com leituras, reflexões sobre o tempo, entre tantos elementos que o grande intelectual Borges conseguia conectar.

Sobre sua composição, a obra reúne textos em prosa e poesia, relatos e fotografias de viagens, onde temos Borges, que rememora seu universo de criação e suas leituras e revive sua história, e as fotografias de Kodama, que revelam o olhar sensível dessa fotógrafa e mostram o interesse do casal por paisagens, pela arquitetura dos locais que conheceram, pela composição das imagens e pelo valor sentimental desses passeios. Sobre a obra, o escritor argentino diz que: “Não se trata de uma série de textos ilustrados por fotografias nem de uma série de fotografias explicadas por uma epígrafe. Cada título abarca uma unidade, feita de imagens e de palavras” (Borges, 2010, p. 9). Ademais, o autor mostra-se feliz dizendo: “Maria Kodama e eu partilhamos com alegria e com assombro o tesouro dos sons, de idiomas, de crepúsculos, de cidades, de jardins e de pessoas, sempre diferentes e únicas. Estas páginas gostaríamos de ser monumentos dessa vasta aventura que prossegue” (Borges, 2010, p. 9).

Precisamente sobre essas aventuras e viagens que realizaram juntos, Maria Kodama registra no epílogo do livro essa descri-

ção: “Antes de uma viagem, olhos fechados, unidas as mãos, abríamos ao acaso o atlas e deixávamos que as gemas de nossos dedos adivinhassem o impossível, a aspereza das montanhas, a hígidez do mar, a mágica proteção das ilhas” (Kodama, 2010, p. 133). O sentido da viagem e do deslocamento é e sempre foi associado ao ato de descobrir e desvendar o desconhecido e ainda no prefácio encontramos um Jorge Luis Borges que alude às narrativas de viagens e aos viajantes e a esse desejo de se abrir para o inesperado.

Descobrir o desconhecido não é uma especialidade de Simbad, de Érico, o Vermelho, ou de Copérnico. Não há um único homem que não seja um descobridor. Começa descobrindo o amargo, o salgado, o côncavo, o liso, o áspero, as sete cores do arco e as vinte e tantas letras do alfabeto; passa pelos rostos, pelos mapas, pelos animais e pelos astros; conclui pela dúvida ou pela fé e pela certeza quase absoluta de sua própria ignorância (Borges, 2010, p. 9).

No trecho acima Borges associa o ato de viajar ao de descobrir, explorando novos sentidos, e enaltece os viajantes e aventureiros que descobrem e desbravam o novo e o desconhecido, aludindo, assim, às narrativas de viagens que, como sabemos, são fontes inesgotáveis de conhecimento e de encontro com outras culturas.

Pensando na relação das imagens feitas por Maria Kodama com os textos de Borges, podemos dizer que são poucas as ocasiões em que Borges relata sentir um certo impedimento ou limitação por conta da perda da visão. A sua forma de perceber o mundo ao redor pode não contar com o sentido da visão, mas ele vê a partir dos demais sentidos, bem como a partir da sua sensibilidade como escritor e das suas trocas com Kodama. Ela, por sua vez, coleciona registros e os compartilha com os leitores, dando novos sentidos aos textos do marido. Vale

lembrar que a essa altura Borges era um homem cego e octogenário e segue com o entusiasmo de viver novas experiências. No livro vemos um Borges que realiza um passeio de balão, que vai ao teatro assistir a um espetáculo, que visita lugares históricos e monumentos emblemáticos, rememorando, como percebemos a partir das suas citações, as inúmeras referências literárias advindas de sua biblioteca particular e da sua erudição. Ou seja, em cada viagem que realiza, em cada país ou cidade que ele passa ao lado de Kodama, a literatura aparece como auxílio. Ademais, a partir da análise dos textos e das fotografias, comprovamos que estamos diante de uma faceta até então desconhecida ou pouco vista de Borges, trata-se de um Borges feliz. Suas histórias tornaram-se imaginação, lembrança e associações literárias captadas por outros sentidos, e as palavras feliz e felicidade aparecem várias vezes nos escritos do *Atlas*. O Borges lúdico surge nas fotos que mostram o passeio, por exemplo. Vejamos o que diz o texto intitulado “O passeio de balão” e a imagem que o acompanha, a qual foi utilizada na capa da primeira edição do livro publicado em 1984:

[...] se alguém ignora a felicidade peculiar de um passeio de balão é difícil que eu consiga explicá-la. Pronunciei a palavra felicidade, penso que é a mais adequada. Na Califórnia, há cerca de trinta dias, María Kodama e eu fomos a um modesto escritório perdido no vale de Napa. Eram quatro ou cinco da manhã, sabíamos que os primeiros clarões da aurora estavam por ocorrer. [...] O espaço era aberto, o ocioso vento nos levava como se fosse um lento rio que nos acariciava a testa, a nuca ou a face. Todos sentimos, acho, uma felicidade quase física. O passeio, que duraria uma hora e meia, era também uma viagem por aquele paraíso perdido que constitui o século XIX. Viajar no balão imaginado por Montgolfier também era voltar às páginas de Poe, de Júlio Verne e de Wells (Borges, 2010, p. 39).

Figura 1 – Borges e Kodama no passeio de balão



Fonte: Kodama (2010, p. 41)

Borges descreve no texto a experiência desse passeio e fala da felicidade que sente ao realizar tal atividade, descrevendo uma espécie de felicidade física, que podemos interpretar como um sentimento de preenchimento e prazer. Percebemos como ele apreende o espaço com as sensações e com detalhamentos, relatando como está o clima, o vento no corpo, a percepção de estar no ar, os sons, tudo isso ele traz nas suas memórias. Assim, ele recria os espaços que visita e que são revestidos de afetividade para ele, principalmente quando lembramos que viveu pouco tempo após a publicação do livro. Precisamente acerca da fotografia de Borges e Kodama no passeio de balão, Silvia Molloy (1999) aponta:

En la fotografía María Kodama mira delante de sí aquello que nunca podemos ver: la cámara, el paisaje que tiene en frente, nosotros acaso. Borges con una gran sonrisa, la-dea la cabeza: mira a María. La fotografía es emblemática de la paradoja fecunda que anima este curioso libro, producto de un tu-

risimo privado de visión. El tema de la mirada mediada por cierto no es nuevo en Borges. Aun vidente ya practicaba la mirada oblicua, asumía en sus textos los ojos del otro (Molloy, 1999, p. 227).

Pensando a relação entre textos e imagens, importa refletirmos alguns pontos da relação entre fotografia e Literatura. Os usos da fotografia na literatura remontam aos experimentos com o romance moderno, gênero que permitia esse tipo de experimentações. Como aponta Natalia Brizuela (2014), a fotografia por muito tempo esteve vinculada a uma relação de fidelidade com a realidade, isto é, a facilidade do registro, com um só clique, fazia parecer que a foto era uma representante da realidade tal como ela é. No entanto, sobretudo os movimentos do Modernismo, no século XX, lançaram nova luz sobre essa linguagem artística, apontando seu caráter de construto e mostrando que todo registro traz consigo a marca do fotógrafo, suas intenções e sua história. A respeito de como a fotografia é lida, importa pensar sobre o livro *La cámara lúcida* (1990), publicado originalmente em 1980, de Rolando Barthes, quando o teórico procurou discutir a natureza da fotografia e seus usos. Nessa obra, ele discute o conceito de *punctum* para pensar aquilo que atrai o nosso olhar quando nos deparamos com uma fotografia, o que não necessariamente tem a ver com sua temática central, podendo ser um detalhe que capta a atenção. Da mesma forma, ele fala sobre a composição da imagem, que perpassa uma ideia inicial do que o fotógrafo almeja captar e passar para o seu público, compreendendo um enquadramento, uma narrativa por meio de ângulos e luzes. A natureza memorialística que a fotografia guarda com aquele que dá o clique também muito interessava a Barthes, sobre o que ele reflete: “Lo que la Fotografía reproduce al infinito unicamente ha tenido lugar una sola vez: la Fotografía repite mecá-

nicamente lo que nunca más podrá repetirse existencialmente” (Barthes, 1990, p. 31). Os pequenos registros do que foi vivido, como diz Sontag, pequenos mundos nas fotos reveladas, ancoram experiências e mediam as relações estabelecidas como passado, sendo como ritos de passagem, no caso de *Atlas*, ritos que envolviam as viagens.

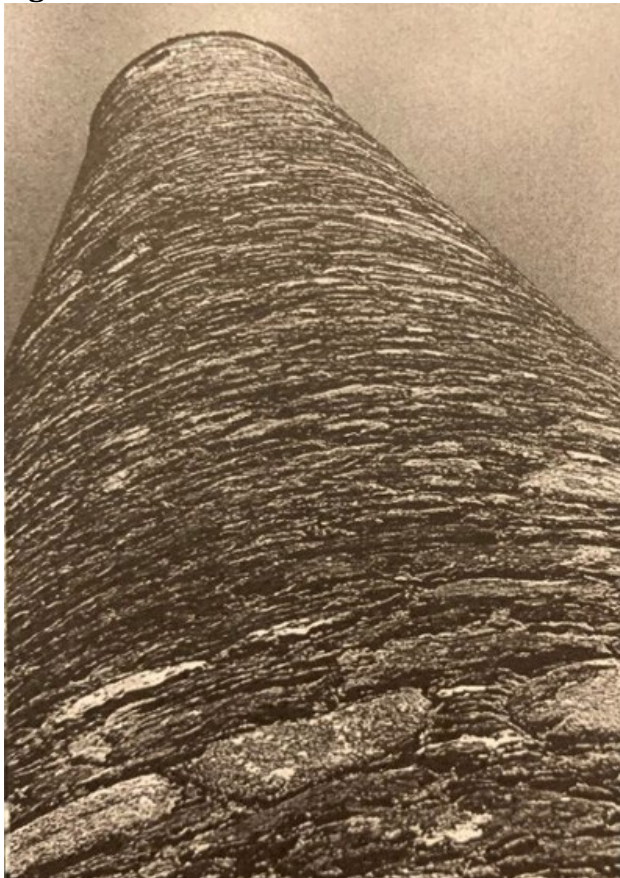
Em uma das fotografias que Maria Kodama faz na cidade de Veneza, por exemplo, podemos ver um Borges que caminha guiado por ela; acompanhando o registro, temos um texto que fala sobre a cidade italiana atravessada por rios, com suas sombras e seus crepúsculos, seus cheiros e suas belezas. O texto explora os jogos do claro e do escuro, recurso muito utilizado por Borges para apresentar esse espaço aos seus leitores: “Uma vez escrevi num prólogo Veneza de cristal e de crepúsculo. Para mim, crepúsculo e Veneza são duas palavras quase sinônimas, mas nosso crepúsculo perdeu a luz e teme a noite e o de Veneza é um crepúsculo delicado e eterno, sem antes nem depois” (Borges, 2010, p. 31).

Em outra imagem, a que acompanha o texto “Irlanda”, nos chama atenção especificamente o olhar de Kodama para um monumento, a Torre Redonda. Nas palavras de Borges, essa edificação ativa uma lembrança vivida, mais uma demonstração de como o escritor recorre aos sentidos e a memória. Também nos atentamos a como descreve o país de uma forma humana e se atenta ao espaço físico quando menciona suas caminhadas e, por fim, retorna às suas referências literárias, quando cita *Ulisses*, de James Joyce, escritor irlandês.

De todas elas [as circunstâncias] a mais vívida é a Torre Redonda, que não vi, mas que minhas mãos tatearam, onde monges que são nossos benfeitores salvaram para nós em du-ros tempos o grego e o latim, ou seja, a cultu-

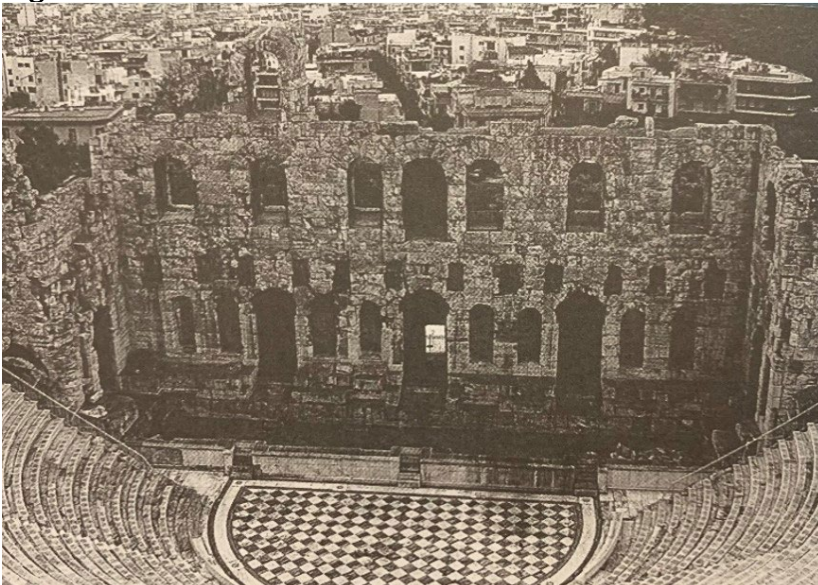
ra. Para mim a Irlanda é um país de pessoas essencialmente boas, naturalmente cristãs, tomadas pela curiosa paixão de ser incessantemente irlandesas. Andei pelas ruas que percorreram, e continuam percorrendo, todos os habitantes de Ulisses (Borges, 2010, p. 17).

Figura 2 – Torre Redonda na Irlanda



Fonte: Kodama (2010, p. 18)

Figura 3 – Atenas



Fonte: Kodama (2010, p. 46)

A partir do exposto, entendemos que no *Atlas* a fotografia assume o papel de mediar e chega a potencializar a narrativa, principalmente no que se refere a relação entre o viajante e o local visitado. Olhando para a fotografia de Kodama que acompanha o texto intitulado “Atenas”, destacamos a relação com o espaço e suas dimensões, além do sentimento de viajar como prática que alarga horizontes culturais, configurando um exercício de olhar para os espaços, para si e para a passagem do tempo e, com isso, para as memórias que carregam nas suas andanças. Mais uma vez nos atentamos às palavras de Borges: “Acordei e disse para mim mesmo: estou na Grécia, onde tudo começou, se é que as coisas, diferentemente dos artigos da enciclopédia sonhada, têm começo” (Borges, 2010, p. 47). As palavras do estudioso Sérgio Cardoso (1988) nos ajudam a compreender esse trecho em questão, quando ele diz que “as viagens, na verdade, nunca transladam o viajante a um meio completamente estranho, nunca o atiram em plena e adversa exterioridade” (Cardoso, 1988, p. 359). Nesse sentido, vemos como a bagagem cultural de Borges o fazia perceber os espaços atravessados por sua vivência

como escritor, de modo que ele apreende a Grécia a partir da importância que essa nação tem na história ocidental, e sobretudo na literatura.

No texto “Istambul”, Borges traz outro tema recorrente em suas obras, ele fala sobre a questão do Oriente, descreve alguns monumentos e elogia o idioma local. Na fotografia que acompanha o texto, vemos Borges sentado e de costas para a Mesquita Azul, com a cabeça para cima, contemplando a

imensidão do templo. O ângulo da foto ressalta a imponência da construção, o que se amplifica quando Borges se questiona: “Ao termo de três dias, o que posso saber da Turquia? [...] É inquestionável que temos que voltar à Turquia para começar a descobri-la” (Borges, 2010). A riqueza cultural desse país é, aos olhos do autor, monumental, assim como ressalta a grande torre ao fundo no horizonte da paisagem fotografada.

Figura 4 – Turquia



Fonte: Kodama (2010, p. 22)

O texto “O totem” refere-se a um objeto cultural que representa uma divindade canadense; nele, Borges fala da fotografia como a sombra da sombra. A descrição que ele dá sobre o Totem é pautada numa série de elementos históricos e culturais no lugar de falar das suas percepções sensoriais, ou seja, recorre à memória e ao conhecimento enciclopédico, uma vez que não pode descrever o objeto a partir do campo visual.

Sobre as figuras 4 e 5, pensamos nos estudos da autora Susan Sontag que dedicou grande parte de suas investigações a trabalhos que abordam a relação entre a fotogra-

Figura 5 – Totem



Fonte: Kodama (2010, p. 12)

fia e a viagem. A estudiosa sugere que tal relação está apoiada na sensação que causa poder olhar o mundo pelas lentes de uma câmera “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada” (Sontag, 1981, p. 4). As fotos são como colecionar momentos, tendo ao acesso das mãos sempre que se quiser lembrar e se conectar com os sentimentos do que foi vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que o *Atlas* de Borges reúne textos e fotografias que revelam uma jornada do escritor ao lado da sua esposa. A obra é como um mapa para lembranças de um passado ou de vários passados, cheio de elementos que atravessam toda a produção literária do escritor argentino. Esse livro de viagem está entre as últimas obras escritas de Borges, revelando experiências mais pessoais dele. Podemos pensar, então, que se trata de uma espécie de “memórias” ou

de “escritas de experiências”, ou ainda de relatos de viagens. Sabemos que a viagem foi uma constante na vida de Borges, e, a partir da análise do *Atlas*, evidenciamos que a escrita de viagem borgiana é tão rica quanto seus escritos anteriores. Está é uma obra que peregrina e faz o leitor peregrinar pelas palavras, elementos e trajetória do autor. Os leitores são apresentados a um Borges que é o viajante cultural e é o protagonista do conceito que norteia a proposta dos textos, aos quais se somam às fotografias de Kodama. Assim, o livro explora as experiências de viagem e a fotografia e trabalha com temas como a memória e a cegueira.

Borges passou por lugares como Chile, Buenos Aires, Espanha, Filadélfia, Paris, Roma, Istambul, Veneza, Genebra, Creta, entre outros, lugares enigmáticos onde ele acariciou o emblemático tigre; onde caminhou e levitou no balão imaginado por Montgolfier; onde sonhou e criou mundos eternos na Alemanha e em cidades como Atenas ou Buenos Aires; onde descobriu as formas puras da geometria euclidiana até se perder no indescritível labirinto de Creta. Rememora também sua Buenos Aires querida, seu amor por Genebra, seus gostos literários, seus livros mais queridos, sua admiração pelos viajantes desbravadores e descobridores do novo. Um mundo que Jorge Luis Borges e Maria Kodama perpetuaram em imagens e palavras através das suas viagens. Dessa maneira, *Atlas* é um livro que cumpre a função de convidar os leitores a participarem do universo de Borges, entendendo que a partir da forma de ver desse autor, principalmente quando já não via, ele pôde interpretar e viver os espaços pelos quais viajou e refletiu criticamente sobre suas vivências.

Também concluímos que a partir do momento que o autor argentino entende que padece de uma cegueira parcial, ele inicia

um processo de reconstrução do seu mundo, procurando entender como a linguagem representa o mundo como um todo. Sua percepção como pessoa cega é imbricada com inúmeras questões filosóficas, repensando as dimensões do real. A nova condição de vida faz com ele se adapte e articule todos os seus saberes com as novas percepções advindas dos demais sentidos aflorados. Borges passa por um processo de compreender como continuar lendo sem enxergar, mas com um olhar agudo sobre si e sobre o mundo. O próprio Borges disse muitas vezes que perdeu o mundo visível, mas que recuperou outros mundos. A memória no *Atlas* aparece como uma alternativa à perda da visão, sendo um mapa que se sobrepõe às impressões vividas em suas viagens e revisitações a lugares que são referências para a sua vida.

REFERÊNCIAS

- ALBURQUERQUE-GARCÍA, L. El ‘relato de viajes’: hitos y formas en la evolución del género. **Revista de Literatura**, Madri, v. 73, n. 145, p. 15–34, 2011. DOI: [10.3989/revliteratura.2011.v73.i145.250](https://doi.org/10.3989/revliteratura.2011.v73.i145.250).
- BARTHES, Roland. **La cámara lúcida**: Notas sobre la fotografía. Barcelona: Paidós, 1990.
- BORGES, Jorge Luis. **Atlas**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1984.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**. Buenos Aires: Emecé, 1996. 4 v.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**: CADERNOS San Martín. São Paulo: Globo, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. **O fazedor**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BORGES, Jorge Luis. **Ensaio autobiográfico**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BORGES, Jorge Luis. **Atlas**. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BORGES, Jorge Luis. **Borges, oral e sete noites**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- BRIZUELA, Natalia. **Depois da fotografia**: uma literatura fora de si. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014. *E-book*.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DERRIDA, Jacques. **Memórias de cego**: o auto-retrato e outras ruínas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do invisível. Florianópolis: UFSC, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**: volume II. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Humanitas, 2011. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.
- KODAMA, María. Borges y la autobiografía. In: LERNER, Isaías; NIVAL, Roberto; ALONSO, Alejandro (coords.). **Actas del XIV Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas**. New York, 16-21 de Julio de 2001, v. 4, 2004. (Literatura hispanoamericana). p. 309-314.
- MOLLOY, Sylvia. Borges viajero: notas sobre *Atlas*. In: MOLLOY, Sylvia. **Las letras de Borges y otros ensayos**. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 1999.
- MANGUEL, Alberto. **Com Borges**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.
- PIGLIA, Ricardo. Ideologia y ficción en Borges. **Punto de vista**, Buenos Aires, a. 2, n. 5, p. 3-6, 1979.
- SARLO, Beatriz. **Borges, un escritor en las orillas**. 2. ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2008.
- SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.
- TODOROV, Tzvetan. A Viagem e seu relato. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 231-244, jan./jun. 2006.
- TOVAR, Joaquín Rubio; GIRVÉS, Margarita Vallejo; ESPELOSÍN, Javier Gómez (eds.). **Viajes y visiones del mundo**. Madrid-Málaga: Ediciones Clásicas & Canales7, 2008. p. 259-320.

Recebido em: 05/09/2024
Aprovado em: 03/12/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.